

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Chris Marker – A Memória Das Imagens

4 e 12 de Novembro de 2024

## DIMANCHE À PEKIN / 1956

**Realização e Imagem:** Chris Marker / **Comentário:** Chris Marker, dito por Gilles Quéant / **Montagem:** Francine Grubert / **Música:** Pierre Barbaud / **Produção:** Anatone Dauman para Argos Films / **Cópia:** DCP, legendada electronicamente em português / **Duração:** 22 minutos / **Estreia:** Maio de 1956 / **Primeira exibição na Cinemateca:** 6 e 10 de Novembro de 2017, Ciclo “O Cinema e a Cidade”.

## LETTRE DE SIBÉRIE / 1957

**Realização:** Chris Marker / **Imagem:** Sacha Vierny / **Comentário:** Chris Marker, dito por Georges Rouquier / **Música:** Pierre Barbaud / **Chef d’Orchestre:** Georges Delerue / **Solista:** Ella Timourkhan / **Efeitos especiais e animação:** Équipe Arcady / **Desenhos:** Remo Forlany / **Montagem:** Anne Sarraute / **Voz:** Catherine Le Couey e Henri Pichette / **Produção:** Studios Marignan, Laboratoires Éclair / **Cópia:** em DCP, versão original (francesa), legendada electronicamente em português / **Duração:** 67 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

*filmes de* CHRIS MARKER

*Duração total da projecção: 89 minutos*

---

“Vemos o mundo a escapar-nos, ao mesmo tempo que ficamos mais conscientes da nossa ligação com ele.” Chris Marker

“Escrevo-vos de um país longínquo. Chama-se Sibéria. Para a maioria de nós, ele não se parece com nada além de uma Guiana gelada e, para o general czarista Andreievitch, era ‘o maior terreno vago do mundo’. Felizmente há mais coisas entre o céu e a terra – sejam estes siberianos – do que sonharam os generais. Ao mesmo tempo que vos escrevo, sigo com os olhos a franja de um pequeno bosque de bétulas, e lembro-me que o nome dessa árvore, em russo, é uma palavra de amor: *Birionsinka*.”

Chris Marker, texto de **Lettre de Sibérie**

Ao longo de toda a sua vida Chris Marker foi um permanente viajante, como demonstra a sua actividade como cineasta, mas também o seu trabalho como fotógrafo, escritor ou mesmo editor, destacando-se neste campo o projecto editorial que dirigiu nos anos cinquenta para as edições do Seuil, a colecção “Petite Planète”. Tratava-se de um conjunto de “guias de viagem” com uma configuração invulgar, cujo objectivo era já realizar um “documentário” em formato livro de bolso, centrado numa relação cuidadosamente trabalhada entre texto e imagem, incluindo fotografias do próprio Marker, de Agnès Varda, Cartier-Bresson, Brassai, Robert Cappa, William Klein, entre outros fotógrafos (não por acaso há entre estes nomes vários cineastas-fotógrafos), combinados com materiais distintos como postais, cartas, cartazes, imagens publicitárias, ilustrações, recortes de jornais, selos, pinturas e ilustrações, banda desenhada, etc. De acordo com os propósitos explicitados na colecção, esta série de livros, que acompanha os inícios do trabalho de Marker como cineasta (**Les Statues Meurent Aussi**, que co-realiza Alain Resnais, é de 1953) procurava apresentar-se como um “manual de instruções para viver num planeta pequeno”. Ou como aí se explicita, procurava-se uma visão alternativa aos estereótipos nacionais e aos clichés, centrando-se antes no modo com os países retratados e as suas culturas se expressavam através de sinais embebidos na estrutura e hábitos quotidianos dos seus

habitantes, ou como estes se relacionavam com a memória do passado e como imaginam o seu futuro. URSS, China, Espanha, Portugal, etc., foram apenas alguns dos países retratados. Descreve-se aqui esta colecção com algum detalhe devido à sua clara aproximação aos filmes que compõem esta sessão que, no seu retrato de Pequim e da Sibéria, realizado em meados dos anos cinquenta – o primeiro é de 1956 e o segundo de 1957 – partilham com este projecto vários dos seus propósitos, mas também uma mesma montagem de materiais heterogéneos na elaboração de uma imagem compósita de um lugar.

Em **Dimanche à Peking** Chris Marker reflete sobre a relação entre a tradição e a modernidade a partir da cidade de Pequim e das suas memórias, escolhendo um dia de inatividade, o Domingo, para revelar o dinamismo da nova China. Chris Marker partiu para a China em 1955 no quadro de uma viagem colectiva organizada pela Associação Amizade Franco-Chinesa (em que também participaram Paul Ricoeur e Michel Leiris), tendo posteriormente olhado para este e outros filmes daquele que é considerado o seu “período comunista” (**Lettre de Sibérie**, 1957, **Description d'un Combat**, 1960, etc.) com algumas reservas. Mas, independentemente do ponto de vista ideológico adoptado, **Dimanche à Peking** coloca-nos no centro da reflexão que atravessará todo o cinema de Marker, fazendo sobressair a importância da memória como filtro da própria realidade.

Mais uma vez o belíssimo comentário por si escrito introduz simultaneamente o filme e as profundezas do seu universo de cineasta. Início que não resistimos a citar: “Nada é mais belo do que Paris senão a memória de Paris. Nada é mais belo do que Pequim, excepto a memória [le souvenir] de Pequim. E eu, em Paris, lembro-me de Pequim, conto os tesouros. Há trinta anos que sonhava com Pequim sem o saber (...)”. Não se trata tanto de um filme sobre Pequim, mas um filme sobre um “souvenir” de Pequim, sobre memórias animadas por gravuras vistas na infância, revisitadas por altura do filme que proporcionará a Marker o privilégio de “passear-se dentro de uma imagem de infância”. As imagens dos túmulos Ming são as “madeleines” (no sentido proustiano) que despoletarão tais memórias e tais viagens no tempo, imagens que também são nossas, várias vezes vistas em contextos diferentes associados ao universo de Marker, como o pioneiro CD-ROM por si produzido em 1997, *Immemory*, que já há muitos anos nos introduziu a este diário de uma viagem a Pequim, que só mais tarde acabámos por ver. Universo infantil que é ainda convocado no modo como Marker trabalha a explosão de cor que domina o filme.

Se poderemos apresentar **Dimanche à Peking** como um diário de viagem conduzido explicitamente pela voz subjectiva do próprio autor, o mesmo acontece com **Lettre de Sibérie**, que se afirma como uma acumulação de imagens e de reflexões. O título invoca a vertente epistolar de uma obra que circula entre um universo individual e o colectivo, representado por todos nós espectadores. Em **Lettre de Sibérie** Marker parte para “um país longínquo” nos confins da União Soviética e filma um documentário atravessado por uma grande subjetividade. Como tão bem escreveu André Bazin, trata-se de “um ensaio humano e geopolítico sobre a realidade siberiana, vividamente iluminado pela fotografia (...) Conjugua inteligência, poesia e uma imaginação fabulosa.” Tal imaginação e poesia surgem mais uma vez conotados com uma pureza do olhar de quem procura apreender o mundo sem os filtros habituais, um olhar próximo do universo da infância. Marker escreve-nos de um país longínquo, gelado e frio, mas também de um “país da infância”, o da mais longa linha ferroviária do mundo, a do transiberiano que transportou Tchekhov ou Blaise Cendrars, mas que indirectamente invoca, segundo o cineasta, o mundo fantástico de Jules Verne, em que “entre os oito e os dez anos fomos perseguidos por lobos, cegos pelos tártaros, transportados com as nossas armas e jóias no transiberiano”.

Joana Ascensão